

A mente segundo Chomsky
Sofia Miguens

Para além do muito interesse que a figura heterodoxa de Noam Chomsky tem como intelectual—trata-se de um académico que é ao mesmo tempo insider e criador teórico, outsider e crítico político — é um facto que a sua investigação em linguística, entendida como uma teoria computacional funcionalista da mente/cérebro, abriu caminho para as actuais ciências cognitivas.

A investigação de Chomsky em gramática generativa, que tem como objectivo fazer "ciência natural de um módulo da mente humana", concebe a teoria da linguagem no quadro de um mentalismo funcionalista e é um exemplo central do cognitivismo simbólico.

O mentalismo característico das ciências cognitivas não envolve qualquer apelo a estruturas estranhas ao mundo físico e impôs-se com Chomsky na linguística como um "anti behaviorismo" necessário ao estudo da linguagem humana. Este foi um dos primeiros passos da "revolução cognitiva" em psicologia no fim dos anos 50. O ponto de Chomsky era então que se pode continuar a admitir que um comportamento (por exemplo o uso de língua natural num humano) é causado sem necessariamente o ver como resposta provocada pelo ambiente externo. Na sua célebre polémica com B.F. Skinner, Chomsky insiste em distinguir o seu problema em teoria da linguagem ("Quais são os determinantes causais do comportamento verbal?") da questão skinneriana ("Quais são os estímulos que provocam o comportamento verbal?"). A abordagem skinneriana impede por princípio o acesso da teoria ao conhecimento acerca da estrutura que deve ser segundo Chomsky o explanandum básico da teoria linguística. E para Chomsky a compreensão do conhecimento acerca da estrutura só pode ser ganha postulando estados e processos mentais.

Antes de dar alguns exemplos dos estados e processos existentes na mente humana para possibilitar o conhecimento e uso de linguagem de acordo com Chomsky, convém notar que com a proposta recente de um Programa Minimalista (cf Chomsky, *Minimalist Program*, 1995) Chomsky veio deixar os seus apoiantes de longa data praticamente "sem armas para responder ao inimigo", ao pretender reduzir todo o complicado mecanismo do sistema da linguagem, que os sintaticistas passaram décadas a aperfeiçoar, a uma interface entre sistemas de performance, o sistema conceptual-intencional e o sistema articulatório-perceptual, cuja estrutura é constrangida por considerações pragmáticas e de design. No espírito do programa minimalista a linguagem não tem "propriedades intrínsecas", sendo antes uma solução para um determinado problema de exteriorização, pensada portanto como uma questão de "engenharia" resolvida pela evolução no cérebro humano.

De facto Chomsky sempre esteve interessado em questões de princípio acerca da mente e da linguagem, mesmo se isso significa arruinar algum do minucioso trabalho em modelos dos seus seguidores.

Mas voltando atrás, aos inícios e ao esqueleto filosófico do pensamento de Chomsky (cf. *Syntactic Structures*, 1957, *Aspects of the Theory of Syntax*, 1965, *Rules and Representations*, 1980 e *Knowledge of Language, its Nature, Origin and Use*, 1986), a originalidade de Chomsky foi a admissão na teoria da linguagem de estados da mente/cérebro (sendo a mente o cérebro tomado num certo grau de abstracção nos termos da tese funcionalista) que sustentam algo de semelhante à dedução, i.e., transformações/computações de representações abstractas segundo regras. A explicação causal far-se-

á nesse nível de regras e representações: nesse sentido, a teoria linguística chomskyana é o exemplo paradigmático do tipo de funcionalismo que é o cognitivismo simbólico (simbólico na medida em que as representações postuladas - por exemplo, os SN's, SV's, SP's - são discretas e as regras algorítmicas).

Um humano, neste caso a "parte" do cérebro do humano que é o Sistema de Linguagem, é uma máquina simbólica física que cumpre manipulações de símbolos especificadas por regras que constituem um programa. A Faculdade de Linguagem (FL) é um órgão mental (um órgão na medida em que é "inato", pois a linguagem não se ganha ou adquire a partir do ambiente: deve-se falar do crescimento ou desenvolvimento das estruturas de linguagem até um estado estável e não de aquisição por generalização indutiva a partir da experiência) e um órgão-programa. Uma explicação empírica/indutiva das estruturas de linguagem é trivial por evitar a questão crucial da natureza das estruturas da mente/cérebro que constituem o Conhecimento de Língua em cada indivíduo.

Falar uma língua natural é portanto um comportamento regido por regras e a explicação desse comportamento envolve estados e processos mentais cujas regras formais constituem conhecimento inconsciente e inacessível à consciência (é para isto que Chomsky usa o verbo cognize). Isto significa que o melhor método para conhecer as regras formais da língua do falante nunca é perguntar-lhe. Aquilo que é cognized no indivíduo é estudado via Gramática Formal pelo linguista (a expressão Gramática Formal pode ser entendida como conscientemente ambígua, na medida em que tem dois sentidos: a "teoria do linguista" e "aquilo que existe na mente").

O conceito de Gramática Formal vem suprir a insuficiência que Chomsky viu na linguística de raiz saussuriana e a que se refere como o "esquecimento do aspecto criativo da utilização de linguagens", a possibilidade de fazer uso infinito de meios finitos. Chamou a essa propriedade generatividade e procurou modelizá-la com Gramáticas Formais. I.e., segundo Chomsky, as línguas naturais não podem ser bem pensadas como inventários de itens de dupla face som/sentido: o conceito de língua é teoricamente pouco interessante se não for completado com o conceito de Gramática Generativa, conceito este nascido de uma confluência de preocupações relativas à mente com o entendimento provindo das ciências formais.

A Gramática Formal, objecto matemático, é ao mesmo tempo um modelo da mente, e portanto do cérebro. Modeliza estruturas que são propriedades de sistemas físicos, e não de um corpus de enunciados: ao contrário do que se passava anteriormente na linguística, o objecto do programa de investigação chomskyano foi desde o início, e continua hoje a ser, a mente.

Em suma Chomsky acredita na legitimidade daquilo a que chama, seguindo Husserl, o "Estilo de Galileu", que caracteriza como uma construção de modelos matemáticos a que se atribui maior realidade do que ao mundo normal das sensações.

Segundo o modelo actual dos Princípios e Parâmetros (que não é substituído mas apenas disciplinado pelo Programa Minimalista) são então cognized num humano adulto os Princípios e Parametros da Gramática Universal (GU), no que constitui um estado estável da faculdade de linguagem. À teoria de FL - 0 (faculdade de linguagem no estado zero) chama-se GU (Gramática Universal), e esta tem que permitir um número indefinido de línguas humanas possíveis. A partir daí em cada indivíduo será atingido o estado estável do conhecimento de uma língua natural particular (cf. para exemplos de Princípios e Parâmetros, Paiva Raposo, 1992, Teoria da Gramática. A Faculdade da Linguagem).

A proposta de Chomsky em termos filosóficos é a de uma naturalização da significação via a dimensão formal, algorítmica dos fenómenos de linguagem. A abordagem considera portanto as línguas

naturais à imagem das linguagens formais, envolvendo o postulado da existência mental de estruturas formais. O seu ponto de referência é a psicologia individual, o que coloca um problema a que o próprio Chomsky chama o "problema de Wittgenstein" e que considera ser a mais interessante crítica ao enquadramento conceptual da gramática generativa: segundo a teoria de Chomsky, é possível caracterizar como "regras" os processos da mente/cérebro de um indivíduo isolado, que estará então a seguir regras privadamente. Wittgenstein contesta esta possibilidade (cf parágrafo 202 das Investigações Filosóficas).

A ideia de "seguir uma regra" é a analogia central do cognitivismo simbólico uma vez que é supostamente na observância de regras que consiste a identidade entre os mecanismos cognitivos num humano e o funcionamento de um programa numa máquina simbólica. Mas exactamente o que é seguir uma regra? Se a minha observância de regras é cega como Wittgenstein pensa ser o caso, por exemplo no uso de conceitos, seguir uma regra não é um saber que eu possuo e sou capaz de explicitar, é antes uma prática "impenetrável" ao (suposto) agente. Que razões restam para afirmar então que é uma regra está a ser seguida privadamente por alguém? Para Wittgenstein, ao contrário da pretensão implícita na atribuição da observância privada de regras, são impossíveis asserções factuais acerca de regras, as atribuições de observância de regras a indivíduos são legítimas apenas no contexto de uma comunalidade de respostas e de práticas numa comunidade. Pode-se afirmar no entanto que fazer asserções factuais acerca de regras que estão a ser seguidas sem serem estarem a ser pensadas é, dado o seu compromisso naturalista, a própria finalidade da gramática generativa. A legitimidade ou não do conceito de regra para processos físicos na mente/cérebro funcionalistamente caracterizados e inacessíveis à consciência é portanto um conflito nuclear na fundamentação conceptual do programa generativista.

Também Quine e Searle atacam o estatuto filosófico que Chomsky pretende dar à gramática generativa. Segundo Quine, a adequação descritiva do funcionamento das regras postuladas pela teoria aos comportamentos linguísticos não é razão suficiente para supor que são esses os mecanismos, e não outros, que existem num cérebro humano. Aliás, para Quine, quando se fala de linguagem não é razoável pensar em propriedades fisicamente codificadas. Se os sistemas de regras que descrevem o comportamento linguístico podem admitidamente ser vários e diferentes entre si, mantendo cada um a adequação descritiva, não será razoável supor que algum deles descreve mecanismos no cérebro. Segundo Quine devemos-nos abster de atribuir qualquer tipo de realidade "mental" ao sistema de regras, falando apenas de adequação dos comportamentos linguísticos ao sistema. A crítica de Quine a Chomsky é uma consequência da sua tese da subdeterminação das teorias pela evidência.

Se para Quine Chomsky, com o seu realismo quanto a regras e representações, afirma mais do que é possível, por princípio, afirmar quanto a questões de linguagem, para Searle Chomsky não dá provas suficientes daquilo que afirma e seria necessário fazê-lo para poder fazer afirmações acerca de regras que estão de facto a ser seguidas. Estas afirmações são segundo Searle possíveis. Quando um ser humano, ao contrário de uma máquina, segue uma regra, ele é, segundo Searle, guiado pelo significado ou conteúdo efectivo dessa regra. Por isso, mesmo se várias regras descrevem os acontecimentos e têm o poder preditivo certo, Searle pensa que há apenas uma regra que está a ser seguida, aquela que está a funcionar causalmente. Ora, dado o tipo de regras consideradas por Chomsky não é possível chegar a fazer esta distinção, e portanto essas regras são meras hipóteses descritivas e não verdadeiras regras, i.e., elementos constituintes da mente/cérebro, causalmente eficazes, como Chomsky pretende.

Sofia Miguens
smiguens@letras.up.pt

